

CURE O RESSENTIMENTO
QUE EXISTE EM VOCÊ
E SEJA FELIZ !

FERNANDO FERREIRA FILHO



SÃO PAULO, 2012

Copyright © 2012 Fernando Ferreira Filho

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida em qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer armazenamento de informação, e sistema de cópia, sem permissão escrita do editor.

Direção editorial: Júlia Bárány

Edição, preparação e revisão de texto: Barany Editora

Projeto gráfico e diagramação: Barany Editora

Capa: Emília Albano

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ferreria Filho, Fernando.

Cure o ressentimento que existe em você e seja feliz!! / Fernando Ferreira Filho :

-- São Paulo: Barany Editora, 2012.

ISBN: 978-85-61080-17-?

1. psicologia, parapsicologia, espiritismo. I. Título

xx-xxxxx

CDD - xxx.x

Índice para Catálogo Sistemático:

1.

Todos os direitos desta edição reservados à

Barany Editora © 2007

São Paulo - SP - Brasil

contato@baranyeditora.com.br



Livro para Ser Livre

www.baranyeditora.com.br

CONTEÚDO

PREFÁCIO	9
INTRODUÇÃO	13
1 KAY SCHOPPEN	15
2 A MONTANHA AZUL	23
3 AMOR E ÓDIO	28
4 CONSCIENTE E SUBCONSCIENTE	35
5 CASO ALBERT: ÓDIO PELO PAI	42
6 TERAPIA DO PERDÃO	51
7 CASO HELENE: CÂNCER E ÓDIO	59
8 NÃO - PALAVRA ABENÇOADA	64
9 ÓDIODEPENDÊNCIA: VÍCIO EM ÓDIO	67
10 ECK BARTH	70
11 ÓDIODEPENDENTE: TRATAMENTO	84
12 TERAPIA DO CÔLON	89
13 CASO ASTRID: PSORÍASE E ÓDIO	96
14 A REVELAÇÃO	104
15 O SEGREDO DE SOPHIA	109
16 LEMBRANÇAS	114
17 CASO ALEXANDER - HOMOSSEXUALIDADE E ÓDIO	117
18 CASO FRED: OBESIDADE E ÓDIO	129
19 CASO HELGA: DEPRESSÃO E ÓDIO	141
20 DEPRESSÃO: COMO RECONHECÊ-LA	150
21 OS ANJOS DO HIMALAIA	164
22 QUANDO O ÓDIO LEVA A TRAGÉDIAS	170

23	QUANDO O ABUSO É SILENCIOSO	176
24	O SONHO	184
25	UM DRAMA EM FAMÍLIA	188
26	PERDÃO E RECONCILIAÇÃO	201
27	SÍNDROME DA CULPA EXISTENCIAL	213
28	SONHOS DE AMOR	217
	NOTA DO AUTOR	221

DEDICATÓRIA

Dedico este livro – que foi originalmente uma tese – a toda Humanidade, que por eras incontáveis se agita no “pântano” do subconsciente, subjugada pelos cipoais do Ódio, que são parte da bela árvore do Amor.

Ofereço também à minha esposa Eliana Barbosa, que dedica sua existência a fazer uma diferença positiva na vida das pessoas, com seus livros, palestras, programas de TV e rádio e artigos maravilhosos.

Às minhas filhas Ana Amélia e Anelise e netos queridos Anna Clara e Gabriel, por fazerem parte da minha história, trazendo alegria e esperança à minha vida.

Ao meu sogro Elias Barbosa (falecido em 2011), médico psiquiatra, professor universitário e escritor, que dedicou sua vida à medicina psiquiátrica humanitária e à divulgação da Doutrina Espírita, através de seus livros, artigos e palestras edificantes. Agradeço a ele por ter se disposto a me orientar na tese que, por sugestão dele, se transformou neste livro.

Dedico também esta obra ao meu velho e querido amigo, grande médico humanitário, cientista e empresário, Dr. José de Oliveira Ferreira, que também tenho a honra de tê-lo como orientador e incentivador.

Ofereço e agradeço a todos os meus clientes e amigos que de forma indireta participaram desta obra.

Ao me caro amigo e irmão de fé Dr. Vítor Carvalho Lara, o meu muito obrigado pelo carinho e pela sensibilidade com que prefaciou este livro.

Minha gratidão à editora Júlia Barany que acreditou no potencial desse projeto e me desafiou a transformá-lo em uma obra de agradável leitura.

Enfim, dedico a você, amigo leitor, que se dispõe a conhecer meu trabalho e espero que este livro possa realmente transformar sua vida!

PREFÁCIO

As relações humanas são preciosas oportunidades de aprendizado, principalmente no campo dos sentimentos. Desde a infância somos dependentes do “sentir”, em suas inúmeras apresentações. O seio de amor da mãe, o abraço do pai herói, as excitantes brincadeiras com os irmãos e amigos... E lá está nosso coração, como um jardim pronto para florescer as mais belas rosas, infelizmente sempre acompanhadas de espinhos.

É neste contexto de coloridas pétalas e dolorosas alfinetadas que cultivamos o amor e o ódio, sentimentos naturais ao grau de nossa atual evolução espiritual. Em minha experiência pessoal, como médico especialista em tratamento de câncer, tive a oportunidade de observar, empiricamente, vários casos de pacientes que relatavam estar doentes devido a ódio, mágoa e rancor que carregavam em seu interior há tempos, como um veneno a intoxicá-los gradualmente.

Acredito que a medicina ainda não está pronta para descrever os mecanismos com que o estado psicoemocional é capaz de originar uma célula maligna, descontrolada e capaz de resultar na perda da vida corporal. Entretanto, a ciência caminha

nesse sentido e assim como a maioria das pessoas que busca a felicidade já se conscientizou da importância de estar em paz e equilíbrio, em breve também a humanidade vai constatar que desfazer-se dos sentimentos ruins é também livrar-se de poderosos patógenos do corpo físico.

A presente obra é uma verdadeira orquestra a tocar no coração de cada leitor, onde o mesmo encontrará o doce som de vários instrumentos para compor a mais bela e libertadora música do seu próprio perdão. Que a leitura deste livro inspire e reforce a decisão firme por perdoar e, por mais estranho que possa parecer, meus parabéns a todos que aceitam seu imenso ódio, pois assim estarão vislumbrando realmente a magnífica grandeza do amor que são capazes de sentir.

Encerrando, compartilho aqui um pensamento do grande médium brasileiro Francisco Cândido Xavier: *“No meu ponto de vista, a virtude mais difícil de ser posta em prática é a do perdão: perdoar exige um esforço de autossuperação muito grande. Emmanuel me diz que quem aprende a perdoar tem caminho livre pela frente. Creio que, por este motivo, a derradeira lição de Jesus para a Humanidade foi a do perdão!... Ele a deixou por último, esperando o momento em que pudesse exemplificá-la... É claro que Ele se referia ao perdão em diversas oportunidades, mas, na hora da cruz, padecendo toda espécie de humilhação, o ensinamento do perdão foi gravado a fogo na consciência da Humanidade...Ninguém sofreu e perdoou como Ele!... O Espírito que adquirir a virtude do perdão não achará dificuldade em mais nada; haja o que houver, aconteça o que acontecer, ele saberá administrar a sua vida.”*

Vitor Carvalho Lara

Médico especialista em Radio-Oncologia

Pós-graduado pelo Instituto de Ensino e Pesquisa do Hospital
Sírio Libanês – São Paulo/SP

Coordenador do Serviço de Radio-Oncologia da Universidade
Federal do Triângulo Mineiro – Uberaba/MG

Membro do corpo clínico do Centro de Radioterapia do
Hospital Dr. Hélio Angotti – Uberaba/MG

INTRODUÇÃO

“Odeio e amo. Por quê? Você quer saber? Não sei, mas sinto assim e me atormento.” Catulo – poeta romano (87–54 a.C.)

Em minha experiência como psicoterapeuta, tenho lidado com inúmeros casos comoventes de doenças físicas e psicológicas totalmente desencadeadas pelo ódio. Sim, ódio – uma palavra forte, uma verdadeira tormenta existencial! Em vários momentos e ocasiões, o ódio está presente na vida emocional de todos os seres humanos, desarmonizando suas mentes e seus corpos físicos, destruindo suas famílias, promovendo a miséria, a fome e as guerras, enfim, afetando de forma significativa o próprio Planeta, com seu frágil equilíbrio ecológico.

Este livro, uma ficção ambientada na Áustria, traz em sua essência comoventes casos que demonstram a importância de se conscientizar do ódio que guardamos ao longo da vida, para que, através do mágico processo do perdão, possamos nos libertar das misérias e doenças desencadeadas por esse nefasto sentimento.

Você vai conhecer a história de Kai Schoppen, um psicoterapeuta austríaco cheio de conflitos interiores causados pelo ódio à sua mãe que, ao buscar sua própria cura, acabou encontrando um novo rumo para sua vida.

“Não acredito em coincidências. Todos os eventos de nossas vidas são conseqüências de intervenções humanas ou divinas em maior ou menor proporção. Há nenhuma fé e pouquíssima inteligência na crença de que tudo é mera obra do acaso.” Berg Brandt

Retornando de seu trabalho em uma bicicleta Görike, Kai Schoppen pensava em seus problemas pessoais, ao mesmo tempo em que escutava as notícias em seu radinho de pilha, que mantinha junto ao ouvido. Os últimos raios de sol tingiam as águas do Danúbio nessa tarde de primavera. Distraído, perde o equilíbrio e cai em um buraco encoberto por folhas espalhadas de um jornal.

Com o cotovelo machucado, Kai levanta-se, cheio de raiva, resmungando alguns impropérios e fala para si mesmo:

- É isso que dá perder meu tempo pensando nas maldadaes de minha mãe!

O psicoterapeuta endireita sua bicicleta, e pega as folhas do jornal causador do acidente, evitando que outra pessoa caia na mesma armadilha.

Num lance fortuito, Kai vê que é o diário local, *Kronen-Zeitung*, do dia 29 de janeiro de 1977, que traz em uma manchete o nome e a foto de Eck Barth.

Surpreso, lê com atenção a seguinte nota: “O famoso escritor e médico psiquiatra alemão e Prêmio Nobel da Paz, Eck Barth, cujo paradeiro foi desconhecido por anos, está radicado, há algum tempo, numa pequena montanha perto da cidade de Bergkarmel, no estado de Caríntia, ao sul da Áustria. Conta-se que pessoas do mundo inteiro vêm até ele em busca da cura de suas almas.”

Nessa hora, Kai nem se lembra mais do tombo. Entusiasmado, dobra a folha do jornal e a guarda no bolso de sua calça.

Algumas horas depois, já deitado em sua cama, Kai Schoppen, lembrando-se do acontecimento da tarde, imaginava o quanto seria importante para sua vida e para sua carreira se conseguisse conhecer pessoalmente o Dr. Eck Barth e, quem sabe até, aprender com ele sua técnica psicoterapêutica tão incomum.

Dedicado profissional, Kai amava a leitura e o estudo, sempre curioso e com um gosto literário eclético. Era grande admirador do enigmático escritor e médico Eck Barth, cujo livro *Engels des Himalaya* (Os Anjos do Himalaia) Kai já havia lido e relido várias vezes. Encantou-se com os monges sensitivos citados no livro que, sob a inspiração e comando de Eck Barth, utilizavam suas habilidades extrassensoriais para encontrar pessoas desaparecidas, trazendo lenitivo e paz para as famílias angustiadas por não saberem o paradeiro de seus entes queridos.

No dia seguinte, Kai Schoppen entrou em contato por telefone com a prefeitura de Bergkarmel, com a intenção de descobrir o endereço do doutor Barth.

Três semanas se passaram desde o dia do acidente com a folha do jornal. Certa manhã, ao sair para o trabalho, Kai encontrou em sua caixa de correio uma carta vinda da prefeitura de Bergkarmel, respondendo ao seu pedido de informações.

Kai ficou sabendo que o Dr. Eck Barth vivia recluso com sua filha na Montanha Azul e que não apreciava ser incomodado. Mas o autor da carta, sensibilizado pelo desejo de Kai, sugeriu que ele enviasse uma correspondência para o armazém de suprimentos, cujo endereço ele forneceu, que abastecia quinzenalmente a moradia dos Barth, porque de alguma forma eles iriam poder encaminhá-la até o Dr. Eck.

Sem demora, Kai escreveu a seguinte carta para o médico:

“Caro Dr. Eck Barth, é uma honra poder falar com o senhor. Sou psicólogo, tenho 37 anos e nasci em Klareswasser, uma típica cidade do vale do Danúbio, aqui na Áustria. Sou filho único de pais operários e, embora eu tenha vivido a vida toda em conflito no relacionamento com minha mãe, cresci idealista e engajado em causas humanitárias, procurando dar sentido à minha própria existência e fazendo a diferença na vida das pessoas, com amor e sabedoria. Aos meus 22 anos de idade, em plena Universidade, tomei conhecimento de seu valioso trabalho, através do livro de sua autoria Os Anjos do Himalaia, que me ensinou a encarar as pessoas e o meu trabalho como psicoterapeuta com muito mais humanidade e comprometimento.

O motivo desta carta é lhe fazer um ousado pedido, e o senhor tem total liberdade de me dizer ‘não’, pois irei entender: O senhor poderia me conceder uma entrevista? Diante de tantos casos que atendo, nos quais observo que o ódio desencadeia uma série de sintomas que levam ao sofrimento das emoções, resolvi escrever uma tese a respeito desses

*dois sentimentos – amor e ódio. Além disso, para mim seria uma verdadeira honra poder conhecer e aprender suas técnicas psicoterápicas. Agradeço a atenção e peço desculpas pelo tempo que estou lhe tomando. Forte abraço,
Kai Schoppen”*

Kai aguardava uma resposta do Dr. Eck Barth, com ansiedade.

Semanas se passaram e a resposta não chegava.

Em uma tarde em que o sol derretia a neve da noite anterior, Kai atendia uma cliente em seu consultório, quando a sineta da porta tocou com insistência. Kai se desculpou com a cliente e correu para abrir a porta. Deparou-se com o agente do correio segurando uma pequena caixa de madeira em suas mãos.

– Para o Dr. Kai Schoppen – disse com voz estridente o impaciente carteiro.

Kai se identificou, pegou a caixa e agradeceu, não se esquecendo da usual gorjeta.

Quando leu o nome do remetente, rodou pelos calcanhares e suspirou de alegria – era ninguém menos que Eck Barth!

Kai conteve a curiosidade e foi terminar sua consulta.

Três horas depois, abriu a caixa com um entusiasmo quase infantil. Dentro tinha um exemplar do bestseller de Eck Barth, *Os Anjos do Himalaia*, com a seguinte dedicatória:

“Caro Sr. Schoppen, que a Paz do Divino Mestre esteja em seu coração. Mesmo sem conhecê-lo pessoalmente, senti enorme simpatia por sua alma. Afinal de contas não é todo dia que encontro um leitor tão fiel e dedicado como você.”

*Agradeço seu carinho e admiração que sinceramente não mereço. Sendo você um profissional de minha área, acredito que teremos muito que conversar. Portanto, vou conceder sete dias para sua entrevista, e como resido em uma região afastada da cidade de Bergkarmel, caso não se importe, poderá ficar hospedado em minha casa. Para agendar sua visita, ligue neste número 345-4843 e fale com minha filha Kristin. Muita Paz e Alegria de seu novo amigo e servidor,
Eck Barth”*

Kai, empolgadíssimo com a carta que recebera, somente lamentou não ter com quem comemorar sua alegria:

– Pena que não posso compartilhar meu sucesso com minha família...

Pegou sua agenda e verificou uma data disponível para poder marcar logo sua ida a Bergkarmel. Estava ansioso, afinal Dr. Eck não era mais um jovem. Kai sabia que, em se tratando de pessoas idosas, o tempo é sempre valioso.

No dia seguinte, bem cedo, Kai ligou para o telefone indicado pelo Dr. Eck.

Do outro lado da linha, uma voz feminina, doce e alegre atendeu ao telefone e se identificou como Kristin, filha do Dr. Barth. Depois de apresentações de parte a parte, ficou agendada a visita de Kai para dali a quinze dias, o que iria dar numa segunda-feira do mês próximo. Prazo suficiente para Kai preparar-se para uma viagem sem atropelos. Dentre as coisas que iria levar, não poderia esquecer seu gravador japonês, *National*, bem como um bom estoque de fitas cassete e pilhas.

Passou o dia todo envolvido em pensamentos de gratidão a Deus, por essa preciosa oportunidade em sua vida. Se pudesse, espalharia aos quatro ventos esse privilégio – entrevistar Dr. Eck Barth – um alemão sábio e bondoso, verdadeiro médico humanitário, professor universitário e escritor, que trabalhou por longos anos em um hospital psiquiátrico na cidade de Berlim. Estudioso profundo de Freud, Jung entre outros, Dr. Eck especializou-se em psiquiatria, combinando em seus atendimentos todas as linhas psicoterapêuticas e analíticas conhecidas. Através do conteúdo do livro do Dr. Eck, Kai já sabia que ele era um homem espiritualizado, admirador da Doutrina Espírita, da qual utilizava seus preceitos filosóficos e científicos em sua própria vida e também em sua clínica psiquiátrica. Em finais da década de 1950, o médico ganhou notoriedade mundial ao receber o Prêmio Nobel da Paz pelo seu trabalho humanitário junto ao povo tibetano, oprimido pelo governo comunista chinês. Dr. Eck, inclusive, fora preso pelo Exército Vermelho Chinês, que subjugou esse pequeno país. Ele foi salvo graças à sua fama e mobilizações de entidades de direitos humanos ligadas às Nações Unidas.

Kai Schoppen queria saber mais sobre o seu anfitrião, afinal seriam sete dias de convivência com quem ele considerava um exemplo a ser seguido. Pensou então que a melhor forma de se informar mais a respeito do Dr. Eck Barth seria na Biblioteca Municipal, onde consultaria os arquivos de microfimes de jornais e revistas antigos. Queria logo saber mais...

Vestiu seu sobretudo e, quando se preparava para sair, o telefone tocou.